



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
GRADUAÇÃO PLENA EM LETRAS LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA

**ORTOGRAFIA ARCAICA: LETRAS GEMINADAS E
OSCILAÇÃO DE GRAFIAS EM TEXTOS DOS SÉCULOS
XIII AO XVI**

ANA JACQUELINE DA SILVA BARBOSA

CAMPINA GRANDE – PB

2013

ANA JACQUELINE DA SILVA BARBOSA

**ORTOGRAFIA ARCAICA: LETRAS GEMINADAS E OSCILAÇÃO DE GRAFIAS
EM TEXTOS DOS SÉCULOS XIII AO XVI**

Monografia escrita e apresentada em cumprimento dos requisitos necessários para a conclusão do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande.

Prof^ª. Dr^ª. Maria Auxiliadora Bezerra (orientadora)

CAMPINA GRANDE – PB

2013

ANA JACQUELINE DA SILVA BARBOSA

**ORTOGRAFIA ARCAICA: LETRAS GEMINADAS E OSCILAÇÃO DE GRAFIAS
EM TEXTOS DOS SÉCULOS XIII AO XVI**

Monografia escrita e apresentada em cumprimento dos requisitos necessários para a conclusão do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovada em: ____/____/2013

Prof^a. Dr^a. Maria Auxiliadora Bezerra / UFCG
(orientadora)

Prof^a. Viviane Moraes de Caldas / UFCG
(Examinadora)

CAMPINA GRANDE – PB

2013

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que desde o princípio foi nosso refúgio e fortaleza, socorro nas horas de tribulações e angústias, e se fez presente em momentos difíceis me consolando, assim como em momentos de alegria, regozijando-se junto a mim.

Agradeço aos meus pais, seu Zeca e dona Dalva, que sempre me mostraram o caminho da retidão, se esforçando ao máximo para que eu tivesse uma educação de qualidade, e que nada me faltasse no período escolar e universitário. A minha irmã, Maria Joyce, que me ajudou exercendo sua fraternidade, me apoiando nos momentos difíceis e contribuindo para o meu crescimento. Aos meus tios e tias, que sempre me incentivaram com palavras de apoio e motivação.

As minhas amigas Theodora, Suellen e Thayse, que foram grandes companheiras nesta minha trajetória acadêmica, me mostrando a importância de uma amizade verdadeira, não me deixando abalar nos momentos difíceis. Aos meus amigos João, Tércio, Rodrigo e Hermano, que foram figuras importantíssimas na minha evolução, pois estão ao meu lado desde meu ingresso na universidade, me apoiando sempre.

Aos mestres Adeildo Pereira, Aloísio Medeiros, Antonio Morais, Edmilson Rafael, Fernanda Sylvestre, Hélder Pinheiro, José Mário, Karine Viana, Maria Angélica, Maria Auxiliadora Bezerra, Maria Marta Nóbrega, Maria Santana Meira Rosângela Melo, Sandra Sueli, Washington Farias, Wellington Rodrigues e Williany Miranda, que com pró-atividade cumpriram com sua missão, transmitindo, além dos conhecimentos acadêmicos, uma visão de futuro. Que com eficiência souberam dividir o capital intelectual, subtrair as dificuldades e somar os esforços, hoje vislumbram a multiplicação de tais conhecimentos, sou o resultado do somatório de cada um de vocês. Como Isaac Newton reforça, “se conseguimos ver mais longe hoje, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes”.

Dentre os mestres, reforço minha gratidão a minha professora e orientadora, Maria Auxiliadora Bezerra, que sempre foi um exemplo de educadora a ser seguido, pela sutileza do falar e agir, pela solicitude, pois sempre esteve

disposta a ajudar quem precisasse e pelo grande conhecimento. Em tudo na vida, temos alguém como espelho, a professora Auxiliadora, para mim, desde meu período de ingresso na Universidade, foi um modelo de docente exemplar. Obrigada pelas aulas ministradas, pelas orientações dadas, pelos puxões de orelha, pois sem eles eu não estaria onde estou.

Aos funcionários, Marciano e seu Waldemar, que sempre me ajudaram, com muita dedicação e satisfação.

Agradeço à professora Viviane Moraes por ter aceitado avaliar o meu trabalho, contribuindo para a melhor qualificação da minha pesquisa.

Agradeço a todos que mesmo de forma inconsciente colaboraram para que esse momento acontecesse.

Sem minha família e amigos eu nada seria, pois eles sempre me deram suporte e acima de tudo, me deram força e alegria para que, mesmo em momentos de dificuldade e decepção, eu não desistisse e percebesse que eu sou capaz.

RESUMO

Esta pesquisa, realizada sob uma perspectiva diacrônica, procura investigar a ortografia de palavras do português, em textos escritos entre os séculos XIII e XVI. Estes textos foram coletados em alguns livros que estudam a história da língua portuguesa. Especificamente, foram identificadas e descritas as letras geminadas (consoantes e vogais) e a oscilação de grafias. Para fundamentar a análise, tomamos como base Coutinho (2006), Haüy (1989), Ilari e Basso (2011), Mattos e Silva (1994), Melo (1957), Silva Neto (1977), Silveira Bueno (1967), Spina (2008), Williams (2001), Tarallo (1990) e Araújo (2005), que tratam tanto da periodização da língua portuguesa, quanto dos metaplasmos, a que recorreremos para fazermos algumas análise e descrição. Verificamos que algumas consoantes e vogais geminadas são mais recorrentes em determinadas épocas e textos, bem como algumas classes de palavras. Quanto à oscilação de palavras, notamos que aparecem em contextos diferenciados, sendo percebidas em um mesmo texto e/ ou em textos e épocas diferentes. Concluímos que a ortografia arcaica não possuía um padrão, mas em todos os casos existe uma justificativa pertinente: a pronúncia das palavras orienta sua grafia, ou seja, trata-se, de fato, de uma tentativa de ortografia fonética.

Palavras-chaves: Periodização; Ortografia arcaica; Letras geminadas; Oscilação de grafias.

ABSTRACT

This research, accomplished under a diachronic perspective, investigates the spelling of words in Portuguese, in texts written between the thirteenth and sixteenth centuries. These texts were collected in some books that study the Portuguese Language history. Specifically, we identified and described the twinned letters (consonants and vowels) and the spelling oscillation. To support the analysis, we take as basis Coutinho (2006), Haury (1989), Ilari and Basso (2011), Mattos e Silva (1994), Melo (1957), Silva Neto (1977), Silveira Bueno (1967), Spina (2008), Williams (2001), Tarallo (1990) and Araujo (2005), which treat both the periodization of the Portuguese Language, and the metaplasms, that we use to do some analysis and description. We found that some twinned consonants and vowels are more recurring at certain times and texts, as well as some classes of words. Regarding to the word oscillation, we notice that it appears in different contexts, being perceived in the same text and / or texts and different times. We concluded that the archaic spelling did not have a pattern, but in all cases there is a relevant justification: pronunciation guides the words' spelling, in other words it is, in fact, an attempt of phonetic spelling.

Keywords: Periodization; Archaic spelling; Twinned letters; Spelling oscillation.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO	10
2. METODOLOGIA	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3.1. Periodização	13
3.1.1. Português arcaico	15
3.1.2. Português clássico	21
3.1.3. Português moderno	22
3.2. Metaplasmos	23
4. ANÁLISE DE DADOS	26
4.1. Letras geminadas	26
4.1.1. Consoantes geminadas em posição inicial, medial e final	26
4.1.1.1. S geminado	26
4.1.1.2. R geminado	29
4.1.1.3. F geminado	32
4.1.1.4. L geminado	34
4.1.1.5. Consoantes geminadas menos frequentes	37
4.1.2. Vogais geminadas em posição inicial, medial e final.....	38
4.1.2.1. A geminado	38
4.1.2.2. E geminado	40
4.1.2.3. I geminado	42
4.1.2.4. O geminado	44
4.1.2.5. U geminado	45
4.1.3. Falsa geminação (uu) e Geminação fonética (ij)	47
4.2. Oscilação de grafias	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53
7. ANEXOS.....	54

ÍNDICE

MAPAS

Mapa 1 – Mapa do Rio Minho	14
---	----

TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de ocorrências do s geminado	26
Tabela 2 - Quantidade de ocorrências do r geminado	30
Tabela 3 - Quantidade de ocorrências do f geminado	33
Tabela 4 - Quantidade de ocorrências do l geminado	31
Tabela 5 - Quantidade de ocorrências do a geminado	38
Tabela 6 - Quantidade de ocorrências do e geminado	40
Tabela 7 - Quantidade de ocorrências do u geminado	46
Tabela 8 – Quantidade de ocorrências de falsas gemações	48

QUADROS

Quadro 1 - Apresentação das ocorrências de s geminado	27
Quadro 2 – Classes de palavras em que o s geminado em posição inicial foi identificado.....	29
Quadro 3 – Classes de palavras em que o s geminado em posição medial foi identificado	29
Quadro 4 - Apresentação das ocorrências de r geminado	30
Quadro 5 - Classes de palavras em que o r geminado em posição inicial foi identificado	31
Quadro 6 - Classes de palavras em que o r geminado em posição medial foi identificado	32
Quadro 7 - Classes de palavras em que o f geminado em posição inicial e medial foi identificado	33
Quadro 8 - Apresentação das ocorrências de f geminado	33
Quadro 9 - Apresentação das ocorrências de l geminado	35

Quadro 10 - Classes de palavras em que o l geminado em posição medial e final foi identificado	36
Quadro 11 - Apresentação das ocorrências de geminadas menos frequentes....	37
Quadro 12 - Apresentação das ocorrências de a geminado.....	39
Quadro 13 - Classes de palavras em que o a geminado em posição inicial, medial e final foi identificado	40
Quadro 14 - Apresentação das ocorrências de e geminado	41
Quadro 15 - Classes de palavras em que o e geminado em posição medial e final foi identificado	42
Quadro 16 - Apresentação das ocorrências de i geminado	43
Quadro 17 - Classes de palavras em que o i geminado em posição medial foi identificado	43
Quadro 18 - Apresentação das ocorrências de o geminado	45
Quadro 19 - Classes de palavras em que o o geminado em posição inicial, medial e final foi identificado	45
Quadro 20 - Apresentação das ocorrências de u geminado	46
Quadro 21 - Classes de palavras em que o u geminado em posição medial e final foi identificado	47
Quadro 22 - Apresentação das ocorrências de uu e ij	48
Quadro 23 – Apresentação das ocorrências de oscilação de grafias.....	49

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrência das consoantes geminadas	38
Gráfico 2 – Ocorrência das vogais geminadas	47

1. INTRODUÇÃO

A periodização da língua portuguesa é um processo bastante conflituoso, neste sentido, Haury (1989) e Spina (2008) afirmam que as classificações são apenas didáticas, uma vez que os limites entre os diversos períodos não podem, evidentemente, ser traçados com rigor. Há apenas uma data média para início e término de um período, geralmente demarcado por alguns textos escritos da esfera literária e cartorial.

Alguns estudiosos, por exemplo, Coutinho (2005) e Mattos e Silva (1994), subdividem a língua portuguesa em três momentos: Época pré-histórica (das origens até o século IX), Época proto-histórica (do século IX ao século XII) e Época histórica (do século XIII em diante). Demarcamos como ponto inicial para o desenvolvimento desta pesquisa, a Época histórica, tendo como enfoque o período arcaico da língua portuguesa. Destacaremos alguns tópicos sobre a formação e características históricas desta fase, bem como as principais marcas ortográficas evidenciadas neste momento de nossa língua.

Tomamos a ortografia arcaica como essencialmente fonética, ou seja, aquela baseada na pronúncia e não em regras gramaticais. Portanto, na presente pesquisa, ratificamos a falta de uniformidade na língua portuguesa arcaica. Para tal, investigamos sob uma perspectiva histórica mudanças ortográficas ocorridas no português, tendo por base textos escritos dos séculos XIII ao XVI.

Mais especificamente, identificamos a presença de letras geminadas e a oscilação de grafias em textos escritos no período mencionado. Ainda, descrevemos essas ocorrências ortográficas, considerando a data dos textos, classe gramatical e posição das letras nas palavras em que ocorrem as letras geminadas e a oscilação de grafias.

A motivação para este estudo surgiu, primeiramente, da apreciação dos estudos diacrônicos. Um segundo estímulo foi a carência de estudos de língua portuguesa sob uma perspectiva histórica na Universidade Federal de Campina Grande. A escolha do tema se deu diante da curiosidade de investigar e compreender a grafia das palavras em língua portuguesa, fazendo-se necessária a realização de um estudo diacrônico da língua para justificarmos algumas ocorrências ortográficas no português arcaico.

É uma temática que nos leva a recuperar a história descrevendo a evolução de uma língua, para que com isso minimizemos o preconceito que existe na sociedade, desmitificando a ideia do “certo” e do “errado”, pois alguns usos da língua portuguesa atualmente podem ser justificados pelo seu percurso histórico.

Desta forma, salientamos que apesar da falta de uniformidade no período arcaico de nossa língua, não existia a concepção de escrita correta ou incorreta. Por tanto, pretendemos levar ao leitor deste estudo a refletir que a falta de padrão na escrita não resulta em uma comunicação falha ou um trabalho desprivilegiado como está vinculado na atualidade.

Embora os estudos sobre ortografia sejam muitos, podemos pontuar como caráter inovador nessa pesquisa, o fato de nossa instituição, a UFCG, não ter a recorrência de estudos na área da pesquisa diacrônica de uma língua, diante desse contexto, nos interessamos por tratar dessa temática como um estudo “novo”.

Os capítulos que compõem este trabalho – introdução, metodologia, fundamentação teórica, análise de dados e considerações finais – estão alicerçados em duas pilstras: periodização da língua portuguesa; e um breve estudo sobre metaplasmos.

O estudo diacrônico se fez necessário para uma melhor compreensão acerca das ocorrências de letras geminadas e oscilação de grafias, tendo em vista que são marcas do período arcaico da língua portuguesa. Deste modo, buscamos analisar a recorrência das letras geminadas, verificando qual letra e tipo de letras se fazem mais presentes, bem como, as palavras que possuem maior oscilação em suas grafias.

2. METODOLOGIA E CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

Para a realização desta pesquisa, constituímos um corpus formado por 20 textos da esfera literária, produzidos e publicados entre os séculos XIII e XVI. A coleta destes dados foi realizada nos seguintes livros sobre a história da língua portuguesa: Tempos linguísticos de Fernando Tarallo (1990) e História de língua portuguesa de Amini Boainain Hauy (1989). Os textos selecionados constituem exemplos que ilustram a periodização da história de nossa língua, explorada nesses livros.

Após a coleta dos dados, realizamos a catalogação dos textos, pondo em quadros, data de publicação e/ou produção, título, tema, autor e referência dos livros onde encontramos esses textos. Encerrando essa etapa, passamos para a fase de identificação das ocorrências das letras geminadas e da oscilação de grafias.

Agrupamos também em quadros todas as palavras com consoantes e/ou vogais geminadas, em posição inicial, medial ou final. Depois, realizamos a identificação e o agrupamento de oscilações de grafias, sendo estas apresentadas em tópico único, contendo as seguintes categorias: a) palavras no mesmo texto b) textos diferentes e mesma época c) textos e épocas diferentes.

A primeira fase de análise do *corpus* foi a identificação e agrupamento das ocorrências presentes nos textos analisados, que correspondem ao nosso primeiro objetivo: a) Identificar a presença de letras geminadas e a oscilação de grafias em textos escritos entre os séculos XIII e XVI. Após a realização deste processo, iniciamos o segundo momento, que se deu através da descrição das ocorrências, baseadas no seguinte objetivo: b) Descrever as ocorrências nos textos analisados, considerando a data dos textos, classe gramatical e posição das letras nas palavras em que ocorrem as letras geminadas e a oscilação de grafias.

Deste modo, iniciamos a análise de modo quantitativo, visando contabilizar as ocorrências de letras geminadas e da oscilação, tendo em vista, que nos propomos verificar a recorrência desses fenômenos. Foram observados, em nossa pesquisa, alguns casos particulares de gemação, que foram as “falsas

geminções” e “geminção fonética”, sendo estas nomenclaturas adotadas por nós.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Periodização

Alguns estudiosos, a exemplo de Silva Neto (1979) e Vásquez Cuesta (*apud* ILARI e BASSO, 2011), se propuseram a periodizar a história da língua portuguesa, mas, nesse percurso, verifica-se que não há uma periodização unânime, em que todos os autores compartilham das mesmas opiniões. Comumente há múltiplos posicionamentos acerca dos períodos de alterações da língua portuguesa.

Segundo Ilari e Basso (2011), as periodizações auxiliam na percepção de como a língua foi mudando ao longo do tempo e têm um caráter de síntese, pois levam em conta não só as mudanças estruturais, mas ainda as funções sociais que a língua foi assumindo, ou seja, toda mudança é justificada a partir de um momento histórico, justificando suas mudanças por inúmeros fatores. Autores como Coutinho (2005), Ilari & Basso (2011) e Hauy (1989) partilham da mesma opinião: quando se trata das fases da história da língua portuguesa, os referidos estudiosos reconhecem as fases arcaica, clássica e a moderna.

Nos estudos da evolução da língua portuguesa, segundo Spina (2008), os critérios de divisão variam conforme os pontos de referência adotados: na periodologia são levados em consideração aspectos puramente linguísticos ou extralinguísticos. Nesse sentido, as classificações são apenas didáticas, uma vez que os limites entre os diversos períodos não podem, evidentemente, ser traçados com rigor, existindo apenas uma data média para início e término de um período, geralmente demarcado por alguns textos escritos da esfera literária e cartorial.

Coutinho (2005) divide a história da língua portuguesa em três momentos: Época pré-histórica (das origens até o século IX), Época proto-histórica (do século IX ao século XII) e Época histórica (do século XII em diante). A época pré-histórica é o período de evolução do latim falado na Galiza e na Lusitânia, desde a conquista da Península Ibérica até a formação do romance, no século V,

culminando com a definição do romance galaico-português como língua falada nas duas margens do rio Minho. No mapa abaixo, pode-se ver esse rio e as regiões onde se falava esse romance.



Mapa 1 – Mapa do Rio Minho

O século IX marca o estágio de definição do romance galaico-português como língua corrente, falada a princípio na região noroeste da Península Ibérica (ver no mapa 1) e levada, depois, com o movimento da Reconquista¹, para o Sul. O século XII registra o fato histórico da independência de Portugal (que ocorreu em 1139).

¹ O movimento da Reconquista da Península pelos Cristãos (1045 a 1250) marca o inexorável recuo muçulmano. (SILVA NETO, 1979.) O período compreendido entre 711 e 1492 foi marcado, na península Ibérica, entre outros fatos, pela presença de governantes muçulmanos. Em nome da recuperação da região, ocorreu um longo processo de lutas, considerado por alguns como parte do movimento de cruzadas, resultando finalmente na completa reconquista do território por parte dos cristãos.

Na época proto-histórica, os documentos eram escritos em latim bárbaro², contendo palavras como *estrata* (estrada; latim clássico *Via*) e *conelio* (coelho; latim clássico *Cuniculum*). Deste modo, a língua deste período só pode ser reconstituída pelo método histórico-comparativo e pelo testemunho dos documentos em latim vulgar/ bárbaro. Não existe, de fato, documentos em latim vulgar; O que se tem são: as inscrições parietais, o *Appendix Probi* (227 pares de palavras), as *Tabellae defixionum* (Placas de execração) e inscrites tumulares. Isto é, segundo Mattos e Silva (1994) latim notariral ou tabeliônico, veiculado na área românica antes das línguas românicas se tornarem línguas oficiais.

A época histórica, que se estende do século XIII em diante, subdivide-se em duas fases, a arcaica e a moderna, tendo como marco divisório o século XVI. Na fase arcaica, a língua era, nos séculos XIII e XIV, o galego-português, denominação dada à expressão oral e escrita do romance galego-português. Vejamos mais detalhadamente no próximo tópico.

3.1.1. Português arcaico

Segundo Ilari e Basso (2011, p. 24), “A língua do período que vai da formação do Estado português até o apogeu das navegações é conhecida como português arcaico”, podendo ser caracterizado, popularmente, como o meio caminho entre o latim popular e o português moderno, sendo difícil a compreensão de textos nessa grafia de português por falantes da atualidade, pois há um grande distanciamento entre os modelos ortográficos, podendo até o texto antigo ser comparado a uma outra língua que não o português.

Sabendo que, de acordo com Spina (2008), a ortografia arcaica era essencialmente fonética, a língua era escrita de acordo com a pronúncia de cada palavra. Em consequência dessa escrita baseada no que se ouvia, eram muitas as inconsistências encontradas nos escritos dessa época. A escrita não era unificada, existia um alfabeto, no entanto, como a grafia era dominada por poucos, essa minoria grafava as palavras conforme sua percepção do som.

² Os autores citados nomeiam o latim popular como “bárbaro”, por ser falado por populares, e não terem a cultura que os usuários do latim clássico tinham, demarcando, a nosso ver, forte preconceito através da palavra “bárbaro”, que traz consigo uma carga pejorativa, significando do grego “ estrangeiro; não-grego; inculto, rude”.

Vários símbolos/letras correspondiam ao mesmo som, causando assim a oscilação da grafia, uma mesma palavra poderia ser escrita de várias maneiras, não havendo um padrão de escrita a ser seguido. No entanto, existe assim uma coerência, os mesmos princípios e regular uniformidade, ou seja, apesar de conter algumas inconsistências na escrita, existia um raciocínio lógico para as grafias, não ocorrendo de forma arbitrária.

De acordo com Mattos e Silva (1994), os historiadores e filólogos, que a esse período do português se não dedicaram, são unânimes em situar seu início nos princípios do século XIII, porque para isso têm uma razão explícita: é nesse momento em que a língua portuguesa aparece documentada pela escrita. Marcam o nascimento do português arcaico, ou seja, o início da história escrita da língua portuguesa, o *Testamento de Afonso II*, datado, indiscutivelmente, de 1214, e a *Notícia de Torto*, que hoje se considera como tendo sido escrita entre 1214-1216. Esses primeiros documentos são diplomas reais e particulares, leis locais e gerais. A datação dessa primeira fase do português é feita a partir desses documentos. Vale salientar que o Testamento de Afonso II e a Notícia de Torto são documentos escritos na segunda década do século XIII. As versões escritas de algumas cantigas, que persistem nos *cancioneiros* hoje conhecidos, são cópias tardias: o da *Ajuda*, dos fins do século XIII; e, do começo do século XVI, os *cancioneiros da Biblioteca Nacional de Lisboa* e o da *Vaticana*, do começo do século XVI, embora sejam descendentes de uma compilação de meados do século XIV.

Silva Neto (1979) divide essa fase em três períodos: o *período proto-histórico* (do século IX ao XII), que representa complexa e obscura elaboração, período anterior ao período dito arcaico por Silva Neto (1979), Mattos e Silva (1994), Ilari e Basso (2011) e Spina (2008).

O *período trovadoresco* (até 1350), que representa, como procuramos demonstrar, o da língua literária com base no grupo linguístico galego-interamnense³, (essa primeira fase do português arcaico, nomeada por Mattos e Silva (1994) e Spina (2008) como galego-português), refere-se aos primórdios do romance galego-português, coincidindo com a criação do Reino de Portugal.

³ galego-interamnense é a representação de um dialeto português falado na antiga província entre Douro e Minho.

E o *período do português comum* representa o momento em que se alcançou a rica produção literária em prosa, confundindo-se com a classificação/datação do período do português trovadoresco, pois as datas são muito próximas, demarcando apenas uma diferença de trinta anos. Para Castilho (s.d.), trata-se de um período de transição do galego-português para o arcaico.

Assim, as datas aqui indicadas são meramente aproximativas. Por esse motivo, os estudos históricos de língua portuguesa são diversificados, as nomenclaturas variam, a datação também é variável, sendo impossível definir exatamente quando começa e termina os períodos ou fases da língua portuguesa.

Do ponto de vista linguístico, a história da língua portuguesa é descrita, considerando-se aspectos da língua propriamente dita. Melo (1957), por exemplo, afirma em sua *Iniciação à Filologia Portuguesa* que não se empregavam letras que não correspondessem a nenhum som, letras ditas mudas, e não se dobravam consoantes, à exceção de *r, s, f, l* e *m*. A geminação destas últimas consoantes na escrita era bem arbitrária, de modo que se encontram nos velhos textos grafias como *terrei (tereí)*, *recorrer (recorrer)*, *barete (barrete)*, *coussas (cousas)*, *leproso (leproso)*, *deffender (defender)*, *ffé (fé)*, *mall (mal)*, *tall(tal)* etc.

Comparando o português arcaico com o português atual, podemos pontuar muitas distinções, pois a língua arcaica não era unificada, não existia uma gramática normativa a ser seguida. Deste modo, os escritos do período arcaico eram baseados na percepção sonora, o que hoje ocorre parcialmente, tendo em vista que existem muitos símbolos para representar um único som, por exemplo, *caça* (Perseguir animais para apanhá-los ou matar) e *cassado* (Tornar nulo e sem efeito), seguindo exclusivamente normas gramaticais que foram “impostas” no decorrer da formação da língua portuguesa.

Conforme Haury (1989), as mudanças ocorrem no campo da morfologia, da sintaxe, da fonética e da ortografia. Ortograficamente, ela divide as mudanças em duas categorias: o alfabeto e a junção, separação e abreviação de palavras. Cada categoria se subdivide em outras mais específicas de análise. No campo da categoria de alfabeto, destacamos duas delas: *letras geminadas* e a *oscilação de grafias*.

Sob uma perspectiva histórico-evolutiva da língua, as letras geminadas foram desaparecendo à medida que um modelo ortográfico ia se estabelecendo.

Assim, as letras que eram julgadas desnecessárias, porque não traziam informações novas, foram sendo eliminadas.

Hauy (1989), referindo-se às letras geminadas, cita o “desaparecimento de letras inúteis” que, segundo a autora, são letras duplicadas, representando um único som. Há uma certa contradição no posicionamento dessa autora, pois ela mesmo afirma não existiam letras inúteis na ortografia do português com exceção de alguns dígrafos (gu e qu); h etimológico, inicial e medial, bem como as geminadas. Ou seja, as mesmas representações, para ela são úteis e inúteis, talvez um problema de nomenclatura. As consoantes duplas no português arcaico não representavam sons longos.

Ocorrem letras geminadas entre vogais e/ou consoantes em diversos contextos linguísticos da língua portuguesa demonstrando não haver uma regra de uso para elas. Esse fato se explica tendo em vista que o português arcaico era essencialmente fonético, havendo, no início do estabelecimento dessa ortografia, tentativas de aproximação entre fala e escrita e, ao mesmo tempo, experiência dos copistas em busca de uma norma ortográfica. Não havendo um padrão ortográfico, muitos vocábulos poderiam ser expressos de formas distintas. O português arcaico, por ser uma das primeiras fases em que existe um marco através da escrita, pode ter algumas de suas particularidades associadas à sua origem latina.

Segundo Williams (2001), no latim clássico, a ocorrência das letras geminadas apresentava lógica em relação ao uso, pois o uso de consoantes dobradas, por exemplo, determinava a duração do fonema, ou seja, se a pronúncia era breve ou longa. Do mesmo modo, eram expressas as vogais que, em certos momentos, demarcavam o alongamento da pronúncia daquele som vocálico, ou simplesmente, indicava a nasalização.

Letras geminadas são expressas por meio da duplicação de letras com um mesmo valor fonético e ortográfico, que de um modo geral desapareceram, como foi o caso de **ss** e **rr** quase sempre iniciais, e **ff** e **ll** frequentemente presentes em posição medial.

Alguns estudiosos, a exemplo de Williams (2001), acreditam na utilização de **ss** inicial para indicar o fonema /s/ - surdo - em oposição ao uso de um único **s**, representando o fonema /z/ - sonoro - ou seja, quando se utilizava apenas um

s, indicava uma pronúncia sonora, por exemplo, *ssem* e *quysermos*. Acerca da geminada **rr**, foneticamente, demarca a vibração do **r**, pronúncia muito frequente no português europeu.

Segundo Coutinho (2005), usava-se o **f** dobrado no início e no interior dos vocábulos, afirmando ter uma assimilação do N ao F. Williams (2001), diz que, “o uso do **ff** intervocálico por **f**, pode ter sido adotado para indicar inconfundivelmente o som /f/, já que o F simples intervocálico latino se tornara V em português e seria provavelmente pronunciado como V”. **ff** inicial e **ff** depois de consoantes podem ter sido desenvolvidos por imitação do uso de **ff** em posição intervocálica.

Ainda de acordo com Coutinho (2005), a consoante **l** pode aparecer geminada no começo e no final das palavras. “A duplicação no fim visava provavelmente a distinguir o // velar do alveolar; no meio, decorria da influência do latim.” Para Williams (2001), o uso de **ll** finais e antecidos de consoantes indicava um som velar que pode ser observado na pronúncia do português atual.

Tarallo (1990) considera o duplo **l** como um ganho morfológico, tendo em vista que o sistema do latim clássico não possuía artigo, portanto

Não há dúvida ou desacordo, tampouco, quanto ao fato de o artigo definido ter “nascido” de um pronome demonstrativo, mais especificamente, *ille*, em sua forma acusativa: Assim: a) Masculino singular: *illu* > *elo* > *lo* > *o*; b) Feminino singular: *illa* > *ela* > *la* > *a*; c) Masculino plural: *illos* > *elos* > *los* > *os*; d) Feminino plural: *illas* > *elas* > *las* > *as*; TARALLO, 1990.

A respeito da geminação de vogais, segundo Faraco e Moura (1995), pode ocorrer hiato entre: duas vogais átonas; e uma vogal tônica e outra átona; Sendo uma vogal átona, aquela pronunciada com menor intensidade e tônica, aquela, em que a pronúncia possui maior força. Portanto,

reuniam-se a vogais em hiato, que depois se desfez por crase ou ditongação; *esqueecer* (< *escaecer*), *maa* > *má*, *seer* > *ser*, *avoo* > *avô*, *meeu* > *meio*, *creeo* > *creio*, *feeo* > *feito*; mantinha-se a nasalidade, resultante da influência do m ou n originário, sobre as vogais adjacentes, nasalidade que depois desapareceu ou fez desenvolver outros sons: *luã* (< *luna*), *corõa* (< *corona*), *tEer* (< *tenere*), *vlo* (*vinu*), *mla* (< *mea*), *Ua* (< *uma*). COUTINHO *apud* TARALLO, 1990.

Diante desta informação, observamos que as vogais geminadas do português arcaico, de acordo com Williams (2001), se desenvolveram pela queda de uma consoante intervocálica, por exemplo, *leer* (de *legere*). Apesar de haverem sido contraídas, elas continuaram a ser usadas conforme a tradição. E,

mais tarde foram usadas em lugar de uma vogal simples, para indicar nasalização ou talvez o alongamento da vogal nasalizada *coontar* (de *computare*); *seentir* (de *sentire*). Em muitos desses casos, a consoante nasalizadora (n intervocálico) havia caído, *lioões* (de *leones*); *maão* (de *manum*). Foram, também, usadas em lugar de vogais tônicas simples, após a queda de consoantes intervocálicas outras, *ceeos* (de *caelos*); *mandaae* (de *mandate*); *quaaes* (de *quales*). WILLIAMS, 2001.

Existe ainda, a possibilidade, das vogais geminadas indicarem o acento de intensidade, em que uma das duas vogais era de regra acentuada, por exemplo, *caães*.

A oscilação de grafias no português arcaico se dá com as indistinções em *i-u* (vogais e semivogais), *j-v* (consoantes), *y*, *h* e *j* usados para representar o /i/, sendo tratado por Melo (1957) como “o problema ortográfico”.

O problema ortográfico se deu por meio da falta de padrão uniforme na transcrição das palavras: muitos vocábulos apareciam escritos de modo diferenciado, representando a mesma pronúncia. Deste modo, as vogais possuíam suas variações. No caso da vogal *i*, por exemplo, ela poderia ser representada ou por *j* ou *h* ou *y*, respectivamente, *aia* > *aja*; *sabhã* > *sabiam*; *enssyna* > *ensina*.

As vogais podiam aparecer como hiato por causa da queda (síncope) de uma consoante medial, por exemplo, *sedere* > *seer*, ou apareciam duplicadas para indicar a vogal tônica, por exemplo, *ceeo* > *céu*. A nasalização era expressa por meio de til (~), dois acentos agudos (´) ou por *m* e *n* (*omrra*, *omde*, *senpre*, *mááos* = *mãos*), hoje, é expresso apenas por meio de til (~) e as letras *m*, *n* e o dígrafo *nh*, por exemplo, *condição*, *impossível*, *inadequado*, *manhosa*.

Em relação às consoantes, temos um caso comum e muito frequente de duplicação ocasionando a oscilação de grafias, que é o da letra *f*: usava-se dobrada no início e no meio dos vocábulos, por exemplo, *ifferno* e *ffreima*; o *l* geminado no meio e no fim das palavras, por exemplo, *ella* e *mall*; o *s* geminado

intervocálico, por exemplo, *ca**ss**ado* = *casado*; e *m* geminado no caso de ser precedido de vogal nasal, por exemplo, *emendar*.

3.1.2. Português clássico

Segundo Silva Neto (1979), o período correspondente ao clássico, iniciando-se em 1500 indo até 1800. O período clássico é marcado pelo surgimento da literatura **consagrada**: aquela produzida pelos cânones da literatura da época, com a intenção de expor o belo e a arte literária, diferentemente da literatura baseada na informação de alguns fatos históricos, bem como da poesia trovadoresca, que circulou no período medieval (em que os textos tinham por principal finalidade expor sentimentos) e cujos autores não eram colocados em posição social elevada como os escritores do período clássico. De acordo com Ilari e Basso (2011), o século XVI ficou conhecido como “o século de ouro da literatura portuguesa” sendo representado por grandes poetas, historiadores e dramaturgos, como Sá de Miranda, Camões, Antônio Ferreira e João de Barros.

Quando comparado ao português arcaico, o português clássico apresentava muitas distinções, pois naquele período existiam muitas inconsistências, motivadas pela ortografia fonética que ocasionava muitas manifestações escritas para uma mesma palavra. O português clássico possuía certa uniformidade, pois era o dominado pelos cultos, também chamado como português literário.

Linguisticamente, existem características particulares e bem definidas. De acordo com Ilari e Basso (2011), no campo lexical, desaparecem os advérbios de lugar *ende* e *em* > *daí* e *hi* > *aí*; a conjunção *porém* deixa de ser usada como adversativa; desaparece o *pero* com valor explicativo; entre outros casos. Na morfologia, desapareceram os participios em *-udo*, como *temudo*, *cresçudo*, que hoje sobrevivem apenas no substantivo *conteúdo*; entre os pronomes demonstrativos, desapareceram as formas reforçadas, como *aqueste* e cria-se um sistema ternário (*este*, *esse*, *aquêle*).

Uma das mudanças mais relevantes que se deu na grafia das palavras foi a unificação de algumas terminações de palavras resultantes do latim *-ane*, *-one*,

-*anu*, -*dine*, como em *panem* e *rationem*, respectivamente, *pão* e *razão*, ainda utilizados atualmente. Outra modificação já ocorrida foi a redução dos hiatos, por meio de crase, *soo* > *só* e *leer* > *ler*.

Durante boa parte do período clássico, bem como do período arcaico, manteve-se na fonologia do português o “sistema de quatro sibilantes”: /ts/, /dz/, /s/, /z/. Deste modo, sons, que hoje são semelhantes, podem ser representados na grafia por letras diferentes, como s e z, para representar o mesmo fonema /z/: *casa* e *zebra*, respectivamente. No período clássico, cada fonema, corresponde a um som e grafia particular, não podendo ser confundida.

Pode-se destacar que o português clássico corresponde ao período destinado e dominado por um estrato da sociedade que corresponde à minoria, culta e letrada, representada por membros da igreja, estudiosos e poetas. A parte da população que corresponde à massa, falava e grafava um português diferenciado, aquele citado anteriormente, mais próximo do português arcaico, com algumas variações na grafia.

3.1.3. Português moderno

O período moderno, segundo Melo (1957) e Coutinho (2005), corresponde ao período pseudoetimológico, iniciando-se no século XVI indo até o ano 1904. Afirmam esses autores que as características principais desse período foram o aparecimento de consoantes geminadas e insonoras, mais especificamente as letras *y*, *k* e *w* (ditas impropriamente como letras gregas).

Como o próprio nome pseudoetimológico induz, se trata de um período em que se obedece a uma etimologia falsa: a marca desse período é comparar a língua usada à língua que lhe deu origem; no caso, o latim. Nesse sentido, de acordo com Coutinho (2006):

O critério adotado pelos que seguem a grafia etimológica é respeitar, tanto quanto possível, as letras originárias da palavra, embora nenhum valor fonético representem. Mau grado a influência do latim se fazer sentir em nossa língua, em todo o decurso de sua história, é a partir do século XVI que ela se torna predominante. Coutinho, 2006, p. 75.

É nesse período que surgem os primeiros tratados de ortografia, com a intenção de dar tom de norma à forma de escrever as palavras, na tentativa de latinizar o vocabulário e impor uma forma “etimológica” de escrita. Temos como exemplos: *digno*, *maligno*, *benigno* etc. Verificando-se que, no latim, tais vocábulos se escreviam com **-g**, restabeleceram neles esta letra; a presença do **-g** passou a ser assinalada na ortoepia.

Um dos conflitos enfrentados no período pseudoetimológico era saber a origem de todas as palavras, sabia-se de algumas origens, mas de outras não, nesse caso como proceder? Nesse sentido, as palavras eram grafadas tentando-se aproximá-las de sua etimologia, no entanto, levando-se em conta a pronúncia. Diante desse empasse, se fez necessária a democratização da ortografia, considerando-se a língua escrita uniforme, pois é uma questão de coletividade: para que todos, sem distinção entre classes, pudessem utilizá-la, para que a língua fosse acessível a todos por meio de uma grafia racional e fácil.

Vejamos alguns processos de transformação e mudanças das palavras no decorrer da história da língua portuguesa.

3.2. Metaplasmos

No decorrer do tempo, algumas palavras passaram por alterações fonéticas – *lupu > lobo*, e ortográficas - *ffé > fé*, muitas dessas mudanças ocasionaram o desaparecimento de algumas palavras e o surgimento de outras. E permaneceram aquelas utilizadas com maior frequência por um grande número da população ou por um determinado estrato da sociedade, geralmente, a parte com maior grau de instrução e influência política ou religiosa. (ILARI e BASSO, 2011)

Na instância das mudanças fonéticas, que, por sua vez, acabam influenciando a ortografia, temos os *metaplasmos*, ou seja, “as modificações fonéticas que as palavras sofrem em sua evolução” (COUTINHO, 2005, p. 142). Sabemos que os fonemas formam o material sonoro da língua e que estão sujeitos a passar por transformações. Segundo Coutinho (2005), as transformações fonéticas apresentam um caráter triplo: *inconscientes*, *graduais* e

constantes. São *inconscientes* quando as modificações, tendências próprias da época vivida, que se observam nos vocábulos de uma língua são alheias à vontade dos falantes. São *graduais* quando a evolução das palavras se processa segundo a lei natural, restabelecendo todos os elos da cadeia evolutiva. Por fim, são classificadas como *constantes* as transformações, cujo foco encontra-se na regularidade das leis fonéticas, resultando em uma possível generalização de leis, ou seja, sempre que um fonema se encontre em determinada circunstância, ele deve modificar-se do mesmo modo.

Segundo Coutinho (2005), cada geração altera involuntariamente, de acordo com suas disposições, algumas palavras da sua língua. Na língua portuguesa arcaica não poderia ser diferente. Essas modificações acabam por alterar a ortografia, pois, no período arcaico a escrita era baseada, essencialmente na fonética. Deste modo, apresentam-se classificadas as modificações em quatro tipos: troca, acréscimo, supressão, transposição de fonema ou acento tônico. Realizando-se, especificamente nos metaplasmos a seguir: *metaplasmos por permuta*; *metaplasmos por aumento*; *metaplasmos por subtração*; *metaplasmos por transposição*.

Os de *permuta* são os que consistem na substituição ou troca de um fonema por outro se subdividem em outras classes: *sonorização*; *vocalização*; *consonantização*; *assimilação*; *dissimilação*; *nasalação*; *desnasalação*; *apofonia*; *metafonia*, respectivamente, correspondem a:

- a) Troca de fonema surdo por uma sonora: *acutu* > *agudo*;
- b) Conversão de uma consoante em um fonema vocálico: *factu* > *feito*;
- c) Transformação de um som vocálico em consonantal: *uagara* > *vagar*;
- d) Aproximação ou perfeita identidade de dois fonemas de acordo com a influência que um exerce sobre o outro, podendo ser vocálica e consonantal, total e parcial, progressiva e regressiva: *caente* (arc.) > *calente* > *queente* (arc.) > *quente*;
- e) Diversificação de um fonema por já existir um igual ou semelhante: *aratru* > *arado*; neste caso, o /tr/ foi substituído por /d/, pela proximidade sonora com /r/ na sílaba anterior.
- f) Conversão de um fonema oral para nasal: *muito* (arc.) *multu* > *muito*;
- g) Conversão de um fonema nasal para oral: *corona* > *coroa*;

h) Modificação da vogal inicial quando junta a um prefixo: *per* + *factu* > *perfectu* > *perfeito*;

i) Modificação do timbre de uma vogal de acordo com a influência que a vogal ou semivogal seguinte exerce sobre a mesma: *decima* > *dízimo*.

Os *metaplasmos por aumento* são aqueles que adicionam fonemas à palavra e se dividem em *prótese*, *epêntese* e *epítese*. Assim temos:

- a) aumento do som no começo da palavra: *scribere* > **escrever**;
- b) Aumento de fonema no interior do vocábulo: *stella* > **estrela**;
- c) Aumento de fonema no final da palavra: *ante* > **antes**

Os *metaplasmos por subtração* são aqueles que tiram ou diminuem os fonemas da palavra, exemplo: *mare* > *mar* em que estes podem ser classificados de acordo com a posição de retirada do fonema na palavra, sendo *aférese*, *síncope* e *apócope*, respectivamente.

- a) A queda de fonema no início da palavra: **hebdomada** > *doma* (arc.);
- b) A subtração no interior do vocábulo: *malu* > *mau*;
- c) A queda do fonema no final da palavra: *amare* > *amar*;

Existem alguns *tipos especiais de metaplasmos por subtração* que são a *haplogia*, a *crase* e a *sinalefa* ou *elisão*, correspondendo:

- a) A síncope especial que consiste na queda de uma sílaba medial, por haver outra idêntica ou quase idêntica na mesma palavra: *idololatria* > *idolatria*;
- b) Fusão de dois sons vocálicos contíguos: *fidem* > **fee** > *fé* ou *ffé*;
- c) Queda da vogal final de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal: *de+ex+de* > *desde*;

Os *metaplasmos por transposição* são aqueles que consistem na deslocação de fonema ou acento tônico da palavra, exemplo: *semper* > *sempre*. Mais especificamente, temos a *metátese* e *hiperbibasmo*, este se subdividindo em *sístole* e *diástole*.

- a) A transposição de um fonema é chamada de metátese, que pode ser verificada na mesma sílaba ou em sílabas diferentes: *inter* > *intre* > *entre*, *capiam* > *cabia* (arc.) > *caiba*, entre outros.
- b) Quando as transposições acontecem no campo da acentuação tônica. A *sístole* consiste na passagem da tonicidade uma sílaba para outra

anterior: *saliva* > *saíva* > *seiva* (arc.), *molinu* > *moinho* > *muinho* > *munho* (pop.); a diástole consiste na transposição de tonicidade para a sílaba posterior: *júdice* > *juiz*, *mulíere* > *mulher* ;

Nas análises a seguir, verificaremos algumas mudanças, que poderão ser classificadas como alguns dos referidos metaplasmos.

4. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo analisaremos os casos de ortografia que constituem o objeto de nossa pesquisa. Ele está composto de dezesseis tópicos, que exploram, respectivamente, letras geminadas e oscilação ortográfica, à luz da teoria lida.

4.1. Letras geminadas

Nos textos analisados, são recorrentes os casos de repetição de letras na mesma sílaba. Foram identificadas consoantes e vogais geminadas no início, no meio e no fim das palavras. Com mais recorrência observamos no início das palavras o S e o R, e no meio e no final o L, conforme descreveremos abaixo.

4.1.1. Consoantes em posição inicial, medial e final

4.1.1.1. S geminado

Em termos quantitativos, notamos que a ocorrência de **s** geminado em posição inicial se dá com maior frequência. Contabilizamos vinte e seis ocorrências de **ss** inicial divididas em oito textos. Quanto ao **ss** em posição medial, constatamos que o mesmo ocorre em nove palavras, dispostas em quatro dos textos analisados (Tabela 1). Um fator de correspondência entre os dois tipos de ocorrências, é que ambas foram percebidas em textos do século XV.

Tabela 1- Quantidade de ocorrências do **s** geminado

SS inicial	SS medial
26	9

Nos textos em análise o S geminado em posição inicial é mais recorrente do que medial, conforme mencionado e como pode ser observado mais detalhadamente no quadro 1.

Quadro 1- Apresentação das ocorrências de **s** geminado

Data	Texto	SS inicial	SS medial
Meados ou da segunda metade do séc. XIII	Cantiga d'Amor – XXVII - Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela	“que já o ssem ” “ ssem vosso bem”	
Séc. XIV - 1316	S.T. 1316	“e na ssaa cousas”	
Séc. XIV	O Rato, a Rã e o Minhoto - Fabulário Esópico anônimo	“emderençar sseus negouçios” “- Sse te prouuer” “e meu e ssube em cyma” “teem nos sseus corações” “e esto sse demostra per” “tijnha no sseu coração”	
<i>A Demanda do Santo Graal, pertencente ao ciclo da Post-Vulgata, que remonta aos anos 1240, embora a cópia remanescente seja um manuscrito do séc. XV, conservado na Biblioteca de Viena</i>	Besta Ladrador na Demanda do Santo Graal - José de Arimatéia ou Merlim	“quando a sseeta ssaae da beesta” “vio que sse nom tornaua”	
Séc. XV - 1433	Liuro quarto capitulio primeyro		“ enssynança mestral” “ enssynança do aucto”
Séc. XV - 1435 a 1438	Leal Conselheiro, de D. Duarte		“ou enssinar contra” “ enssynar ” “ consollar ”
Séc. XV - 1449 e 1450	Crônica da Tomada de Ceuta, de Gomez E. de Zurara	“que sse as cousas”	“Por comsseguir ”
Séc. XV - 1489	Carta a Dom Joham	“lo muito sseruiço que dele” “per ssy e que lhe prouuer”	
Séc. XV - 1496	Carta a Dom Manuel	“algarue ssenh or de çepta” “de nosso ssenh or ihU” “meu tio seu ssnh or” “or seu ssenh or o dicto” “ha sseu ssenh or e non ss oomente ele” “tomar por ssenh or quem lhes” “seus desçemdententes ssenh ores do dito lugar” “por seu ssenh or e seus” “vierem por ssenh ores das ditas homrras”	“e jssem tos” “ ussos ” “ emposissões ”

O **s** aparece escrito duplamente, representando o fonema surdo /s/, como, por exemplo, “ssenh”, “enssinar” e “emposissões”. Neste sentido, nos textos

analisados, conseguimos averiguar as duas representações do **s** – surdo e sonoro – em posição inicial e medial, no entanto, para análise selecionamos os casos do fonema surdo, pois em se tratando de **s** geminado, ele é surdo.

Segundo Coutinho (2005), as consoantes latinas geminadas em posição medial, reduzem-se em consoantes simples, refletindo, então, na língua portuguesa. Temos por simples as consoantes representadas por uma letra representando um único som. No Caso do **s** geminado em posição medial, temos uma exceção à regra geral, pois o uso do **s** dobrado se dá também pela necessidade de distinguir foneticamente os seus valores, como mencionado anteriormente.

O **ss** inicial ou medial é surdo, por exemplo, “algarue **ss**enhor de çępta”, “e na **ss**aa cousas”, “non **ss**oomente ele”, “en**ss**ynança mestral” e “emposi**ss**ões”. Nestes casos, podemos perceber que ao pronunciarmos as palavras, o fonema /s/ será surdo, tendo em vista que, em alguns dos casos citados, o **s** dobrado é intervocálico, seja a vogal anterior na própria palavra, por exemplo, “emposi**ss**ões” em que o **ss** aparece precedido da vogal **i**, e no caso de “**ss**enhor” que aparece antecedido pela palavra “algarue” que termina com a vogal **e**.

Entre todos os casos em que a geminada **ss** foi identificada, percebemos alguns vocábulos, em que o **s** dobrado aparece precedido de consoantes na mesma ou em outra palavra, por exemplo, “en**ss**ynança”, “ou en**ss**inar”, “en**ss**ynar”, “con**ss**ollar”, “com**ss**eguir” “emposi**ss**ões”, e “**js**semtos”. Nestes casos, percebemos que as consoantes antecessoras são **m** e **n**, com exceção de “**js**semtos”, tem a finalidade de nasalizar a vogal que aparece antes.

Em “**js**semtos” temos uma exceção motivada pela falta de padrão da escrita arcaica. No português arcaico, era possível perceber várias formas de grafar uma mesma palavra, bem como vários símbolos representando um mesmo som, este é o caso do **j**, que na ortografia arcaica representava o fonema /i/.

Morfologicamente, observamos as classificações das palavras em que o S aparece duplicado. No início da palavra, identificamos cinco classes de palavras: substantivo, preposição, pronomes (possessivo e demonstrativo e de tratamento), verbo e advérbio, de acordo com o quadro 2 abaixo:

Quadro 2 – Classes de palavras em que o **s** geminado em posição inicial foi identificado

Classificação das palavras - SS inicial				
Substantivos	Preposições	Pronomes	Verbo	Advérbios
"sseeta"	"ssem", "ssem", "ssy", "sse", "sse"	"ssaa", "ssenhor", "ssenhor", "ssnhor", "ssenhor", "sseu", "ssenhor", "ssenhor", "ssenhores", "ssenhor", "ssenhores", "sseu"	"ssaae" e "ssube"	"ssoamente"

No interior das palavras, temos:

Quadro 3 – Classes de palavras em que o **s** geminado em posição medial foi identificado

Classificação das palavras - SS medial	
Substantivos	Verbo
"jssemtos", "ussos", "emposições", enssynança" e "enssynança"	"enssinar", "enssynar", "consollar" e "comsseguir"

Portanto, verificamos que a maior recorrência de **s** geminado se dá em pronomes, em sua maioria, possessivos e de tratamento, esse uso talvez seja justificado pela grande referência a palavra "Senhor" por se tratar de um período medieval. No período medieval, o sistema implantado era o feudalismo, neste sistema, existia uma hierarquia em que o poder absoluto depois da igreja era dos senhores feudais, por isso, a quantidade elevada de reverência ao senhor nos textos analisados.

4.1.1.2. R geminado

A cerca do **rr** geminado em posição inicial, notamos que essa geminação foi bastante recorrente nos textos analisados, no entanto, podemos salientar que essa recorrência se deu por meio de muitas repetições das mesmas palavras em um mesmo texto. Ou seja, as ocorrências de **rr** inicial não podem ser demarcadas como regra para palavras iniciadas por **r**, pois a geminação inicial do R ocorre em casos isolados e em algumas palavras.

Retomando a ideia de que a ortografia arcaica era fonética, salientamos que o **rr** duplicado, foneticamente, demarca a vibração do **r**, pronúncia muito frequente no português europeu. Neste sentido, verificamos que o uso do **rr** inicial é mais recorrente do que o mesmo em posição medial, sendo observado em poucas palavras. Temos quarenta e quatro ocorrências de **r** duplicado no início da palavra dispostos em oito textos dentre os analisados, e em posição medial, observamos nove casos presentes em cinco textos.

Tabela 2 - Quantidade de ocorrências do **r** geminado

RR inicial	RR medial
44	9

Notamos ainda, que as geminadas **rr**, tanto em posição inicial quanto medial, são encontradas com maior frequência nos textos referentes aos séculos XIV e XV. Como pode ser observado no quadro 4 abaixo;

Quadro 4 - Apresentação das ocorrências de **r** geminado

Data	Texto	RR inicial	RR medial
Séc. XIV - 1316	S.T. 1316		
Séc. XIV - 1357	Alvará de D. Pedro I, sobre Livros de Estudo		"homrra" "honrra"
Séc. XIV	O Rato, a Rã e o Minhoto - Fabulário Esópico anônimo	"huUa rrãa" "E o rrato rrespomdeo" "E a rrãa" "o rrato" "o rrato" "a rrãa disse ao rrato" "a rrãa" "ho rrato" "doutor rreprehemde" "a rrãa" "o rrato"	"e homrra"
<i>A Demanda do Santo Graal, pertencente ao ciclo da Post-Vulgata, que remonta aos anos 1240, embora a cópia remanescente seja um manuscrito do séc. XV, conservado na Biblioteca de Viena</i>	Besta Ladrador na Demanda do Santo Graal - José de Arimatéia ou Merlim	"A rrey artur"	
Séc. XV - 1433	Liuro quarto capitulio primeyro	"fossem rrecedores." "ele rreçebem" "que rreçeberam" "deles rreçebem."	

		“de rreçeber” “seer rreçebyda”	
Séc. XV - 1435 a 1438	Leal Conselheiro, de D. Duarte	“de rrazoar”	“palrrar”
1442	Fragmento de um livro chamado “corte emperrial”	“os rreinos” “dos rreynos” “coroa rreal” “a rreynha” “aquella rreynha” “os rreis” “o rrey” “esta rreynha” “esta rreynha” “esta rreynha”	
Séc. XV - 1449 e 1450	Crônica da Tomada de Ceuta, de Gomez E. de Zurara	“nom rrecomto” “vallente rromãao Oracio” “estória rromaã”	
Séc. XV - 1489	Carta a Dom Joham	“e auer rrecadar” “faça rregistar”	
Séc. XV - 1496	Carta a Dom Manuel	“semdo rregedor” “destes rregnos” “deos rrey” “mem rrõiz” “mas rreconheçendolhe” “e rreçebimento” “muytas rrezõoes” “grande rrezam”	Delrey Homrra Homrras Honrra
Séc. XVI - 1502			“omrrado” “homrra”

No caso da duplicação inicial do *r*, não existe uma uniformidade quanto à classificação dos termos que os antecedem, aparecendo artigos, pronomes pessoais, adjetivos, substantivos, advérbios etc. Pode-se dizer, que no geral não precedidos de vogais, mas aparecendo algumas consoantes, por exemplo, “nom rrecomto”, antecedido por um advérbio de negação. Neste sentido, não podemos afirmar que o *r* dobrado era recorrente em meio intervocálico, mas se que ele representava o modo vibrado do falante português pronunciar o *r*.

Em relação às classes de palavras mais recorrentes em que observamos este tipo de geminação, destacamos os substantivos e os verbos como podem ser observados no quadro abaixo.

Quadro 5 - Classes de palavras em que o *r* geminado em posição inicial foi identificado

Substantivos	Pronomes	Verbo	Adjetivo
Rrãa / rrato / rrãa / rrato / rrato / rrãa / rrato / rrãa / rrato / rrey / rreinos / rreynos / rregedor / rregnos / rrey / rrõiz / rreçebimento / rrezõoes	rreynha / rreynha / rreis / rrey / rreynha / rreynha / rreynha	rrespomdeo / rreçebem / rreçeberam / rreçebem / rreçeber / rreçebyda / Rrazoar / rrecomto / rrecadar / rregistar / rreconheçendolhe / rrezam	Rreal / rromãao / rromaã

Percebemos que nas ocorrências com geminadas em **rr** inicial existe maior diversidade de classes de palavras, ao passo que, em posição medial (observar quadro abaixo) as mesmas se restringem a sua maioria a substantivos, ocorrendo apenas um verbo, levando em consideração que se trata de variações da mesma palavra (honra).

Quadro 6 - Classes de palavras em que o R geminado em posição medial foi identificado

Classificação das palavras – RR Medial		
Substantivos	Verbo	Adjetivo
Homrra / Honrra/ homrra/ Delrrey/ Homrra / Homrras/ Honrra/ homrra	palrrar	omrrado

No texto “O rato, a rã e o minhoto” de um Fabulário Esópico Anônimo, identificamos a palavra *Homrra*, em que constatamos o mesmo tipo de ocorrência que verificamos nas geminadas da consoante **s**, sendo precedida de **m** para nasalizar a vogal antecessora. Do mesmo modo ocorre no texto “Alvará de D. Pedro I, sobre Livros de Estudo”, no qual, encontramos a mesma palavra escrita nos mesmos moldes, sendo também visualizada nos textos VI e VII dos textos analisados. Escrita em grafia diferenciada, temos *honrra* (neste caso precedido de **n**) no texto VI e *omrrado* presente no texto VII.

A palavra *delrrey* aparece no texto VI, em que percebemos a junção de duas palavras, *del* (que seria de + el) e *rrey* (referente a rei), neste caso, observamos uma junção motivada pela possível pronúncia.

Nos textos analisados, as consoantes geminadas em posição inicial e medial encontradas com maior frequência são **ss** e **rr**. Ocorrendo também algumas duplicadas de **ff** inicial e medial. Percebemos também que as mesmas ocorrem frequentemente em textos do século XV.

4.1.1.3. F geminado

O caso menos frequente são as geminadas **ff** inicial (3 ocorrências), verificamos que as mesmas ocorrem no verbo (ir) e em substantivos (fonte e fé),

nesse sentido, não podemos chegar à conclusão que em determinadas classes de palavras a ocorrência é maior, pois nos textos analisadas, a geminada em posição inicial de **ff** não se fez tão presente. No caso do **ff** medial (17 ocorrências), notamos que em sua maioria são substantivos e adjetivos.

Tabela 3 - Quantidade de ocorrências do **f** geminado

FF inicial	FF medial
3	17

Quadro 7 - Classes de palavras em que o **f** geminado em posição inicial e medial foi identificado

Classificação das palavras – FF inicial e medial		
Substantivos	Verbo	Adjetivo
“ffe” “afficado” “benefiços”, “benefiço”, “benefiço” Affonso, “Affonso”, “Affonso” “affonssso”, “Jffante”, “affomssso”, “affomssso”, “Iffante”	“eu ffor” “affazer” ffaço”, “desffaças”	“offiçiaaes”, “officiaaes”, “officiaes”

Podemos ainda salientar, que os termos que antecedem as palavras com **ff** inicial, são terminados em vogal, representando artigos e/ou pronomes pessoais, observado em “A ffe cristaa”, “aa ffonte”, “eu ffor”. No caso das ocorrências em que o **f** aparece duplicado em posição medial, as dezessete ocorrências aparecem em posição intervocálica, por exemplo, *afficado*, *Affonso*, *affazer* etc. O uso do **ff** é justificado pela sua pronúncia, quando utilizado uma letra f poderia representar a consoante v, para diferenciar as duas pronúncias ele aparecia dobrado.

Quadro 8 - Apresentação das ocorrências de **f** geminado

Data	Texto	FF inicial	FF medial
Meados ou da segunda metade do séc. XIII	Cantiga d'Amor - XXVII- Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela	“eu ffor”	“afficado”
1316			Affonso, “Affonso”
1433			“benefiços”, “benefiço”, “benefiço”

A <i>Demanda do Santo Graal</i> , pertencente ao ciclo da <i>Post-Vulgata</i> , que remonta aos anos 1240, embora a cópia remanescente seja um manuscrito do séc. XV, conservado na Biblioteca de Viena	Besta Ladrador na <i>Demanda do Santo Graal - José de Arimatéia ou Merlim</i>		"affazer"
1442	Fragmento de um livro chamado "corte emperial"	"A ffe"	"desffaças"
1489			"Affonso" "affonssso", "offiçiaaes"
1496			"Jffante", "affomssso", "affomssso", "offiçiaaes"
1527			"Iffante"
1537		"elRey ffaço"	"offiçiaes"

4.1.1.4. L geminado

Percebemos que, em comparação aos demais quadros de consoantes geminadas, o caso do *l* duplicado é mais recorrente, sendo este mais frequente em posição medial. Verificamos cento e trinta e cinco ocorrências de *l* dobrado em posição interior e dezoito em posição final, neste sentido, temos a disposição medial em maior recorrência. Em posição medial e final, tivemos as seguintes constatações de *l* geminado. Observe a Tabela 4 abaixo:

Tabela 4 - Quantidade de ocorrências do *l* geminado

LL medial	LL final
135	18

Acerca da datação dos textos, não podemos definir uma data específica de maior recorrência do uso da geminada *ll*, pois a referida geminada se fez presente em dezoito dos vinte textos analisados, em um percurso histórico do século XIV ao começo do século XVI.

Quadro 9 - Apresentação das ocorrências de *l* geminado

Data	Texto	LL medial	LL final
Séc. XIV - 1316	S.T. 1316	"Chacellaria", "sigillata", "Illuestrem", "aquellas"	
Séc. XIV - 1357	Alvará de D. Pedro I, sobre Livros de Estudo	"scollares", "escollares", "scollares", "scollares", "scollares", "escollas", "scollar", "Cartulla", "scollas", "scollares", "Gonçallo",	
Séc. XIV	O Rato, a Rã e o Minhoto - Fabulário Esópico anônimo	"pello"	"quall ell", "ell", "proll", "all", "all", "quall"
Séc. IV - 1340	Batalha do salado, autor anônimo.	"castellãaos", "castellãaos", "castellãaos", "castellãaos"	
Séc. XV	Besta Ladrador na Demanda do Santo Graal - José de <i>Arimatéia ou Merlin</i>	"A elles", "fallando", "a ella", "matalla", "pella" "apos ella", "pella", "após ella", "pella", "caualleiro", "elle", "elle", "elle",	
Séc. XV - 1433	Liuro quarto capitulo primeyro	"falla", "strellas", "ella", "todallas", "ella", "pollos", "pella", "delles", "aquella", "daquelles", "fallou", "capitulo", "elle"	"quall", "quall"
Séc. XV - 1435 a 1438	Leal Conselheiro, de D. Duarte	"fallar", "fallicymentos", "fallar", "conssollar", "fallicymentos", "fallar", "fallar", "fallicimento"	
1442	Fragmento de um livro chamado "corte emperiall"	"melliante", "elle", "aqueello", "elle", "aquella", "falla", "allegria", "ella", "ella"	
Séc. XV - 1449 e 1450	Crônica da Tomada de Ceuta, de Gomez E. de Zurara	"fortalleza", "singular", "allevamto", "vallente", "pellejar", "fortalleza", "Vallerio", "daquella", "fortalleza", "aquelles", "fortalleza", "daquelles", "fortalleza"	"humanall",
Séc. XV	Crônica de D. João I, de Fernão Lopes	"Gomçallvez", "astrologo", "NunAllvarez", "Gonçallvez", "NunAllvarez", "elle", "elle"	"Prioll", "Prioll", "Carvalhall", "Prioll",
Séc. XV - 1489	Carta a Dom Joham	"caualleyro", "delle", "todollos", "villa", "elles", "della", "ello",	
Séc. XV - 1496	Carta a Dom Manuel	"assellada", "sello", "Barcellos", "gomçalluez", "d'elles", "priuillegios", "elles", "daquelles", "elles", "elle", "elle", "delle", "elle", "aquella", "elles", "elles", "priuillegios", "delle", "delle", "aquellas", "elles", "elle", "elles", "elles", "ello", "aquellas", "pella", "elle", "nelle", "elle"	"tall", "purtugall", "mill", "tall"
Séc. XVI	Menina e Moça, de Bernardim Ribeiro	"delle", "aquillo", "ella", "naquillo", "alli", "alli", "alli", "alli", "aquella", "daquillo", "alli", "alli"	
Séc. XVI - 1502		"pello", "pellos", "dellas", "nelle", "elle", "pello"	
Séc. XVI - 1510		"allgumas"	
Séc. XVI - 1515		"traballo"	
Séc. XVI - 1527		"cantelle", "ella", "quella", "Catella", "delle", "ella", "dauella", "aquelle", "aquella"	
Séc. XVI -		"delles", "notificovollo"	

Apesar da grande presença da geminada // nos textos, não constatamos uma ampla variedade de classe de palavras, pois as mesmas palavras se repetiam bastante em um mesmo texto e em alguns casos em textos diferentes. Por exemplo, os pronomes pessoais *elle* e *ella* que aparecem repetidas vezes nos

textos analisados, se fazendo presentes em nove dos dezoito textos que constatamos a geminada *ll*. Observe o quadro 10 abaixo:

Quadro 10 - Classes de palavras em que o *l* geminado em posição medial e final foi identificado

Classificação das palavras - LL medial e final				
Substantivos	Preposições	Pronomes	Verbo	Adjetivo
Chacellaria/ sigillata/ scollares", "escollares", "scollares", "scollares", "scollares", "escollas", "Cartulla", "scollas", "scollares", "Gonçallo", "caualleiro", "strellas", "capitulo", "falicymentos", "falicymentos", "falicimento", "allegria", "fortalleza", fortalleza", "Vallerio", "fortalleza fortalleza fortalleza "Gomçallvez", "astrologo", "NunAlvarez", "Gonçallvez", "NunAlvarez", "caualleyro", "villa", "sello", "Barcellos", "gomçalluez", priuillegios", priuillegios "traballo", "Catella noteficovollo"	"pello" "pella" "pella", "pella", "pella", "pollos "pella" pello", "pellos", "pello"	Aquellas "A elles", "fallando", "a ella", "matalla", "apos ella", "após ella", "elle", "elle", "elle", delles", "aquella", "daquelles", "ella", "ella", "elle" "todallas elle", "aquello", "elle", "aquella", ella", "ella" daquela", aquelles", "daquelles "elle", "elle" elles", "della", "delle", "todollos", d'elles", "elles", "daquelles", "elles", "elle", "elle", "delle", "elle", "aquella", "elles", "elles", delle", "delle", "aquellas", "elles", "elle", "elles", "elles", "ello", "ello", "aquellas" elle", "nelle", "elle", delle", "aquillo", "ella", "naquillo "dellas", "nelle", "elle", cantelle", "ella", "quella", delle", "ella", "dauella", "aquelle", "aquella", "delles",	"fallando", "falla", "fallou", "fallar", fallar", "conssollar", "fallar", "fallar", "falla", "allevamto", "pellejar",	"Illuestrem", "castellãaos", "castellãaos", "castellãaos", "castellãaos", "melliante", "simgullar", "vallente assellada
	Advérbios	"algumas" "alli", "alli", "alli", "alli", "alli", "alli"		

No quadro 10 acima, constatamos que a ocorrência do *l* geminado em posição inicial se dá em seis classes: substantivo, adjetivo, preposição, pronomes, verbos e advérbios. Observamos que a quantidade de pronomes é superior a de substantivos que também pode ser bastante visualizada. Notamos que a repetição de uma mesma palavra em um só texto era bastante recorrente, portanto, algumas ocorrências na classificação das palavras são frequentes em alguns casos, motivadas por essa repetição de um mesmo termo no mesmo texto.

Existem alguns casos de uma contração de preposições, por exemplo, *todallas*. De acordo com o contexto em que encontramos este termo, percebemos que esta palavra corresponde a *todas + ellas*. O mesmo ocorre em *todollos* (*todo + elle*), *matalla* (*matar + ella*) e *cantelle* (*cantar + elle*), que Tarallo (1990) traz

como um ganho morfológico, tendo em vista que o sistema do latim clássico não possuía artigo.

Deste modo, percebemos que alguns casos o *//* desaparece completamente para se tornarem artigos e em outros momentos, existe apenas a queda de um dos *l*, para formação dos pronomes pessoais e demonstrativos.

Percebemos os tipos de geminadas mais recorrentes nos textos analisados, no entanto, verificamos alguns tipos menos frequentes.

4.1.1.5. Consoantes geminadas menos recorrentes

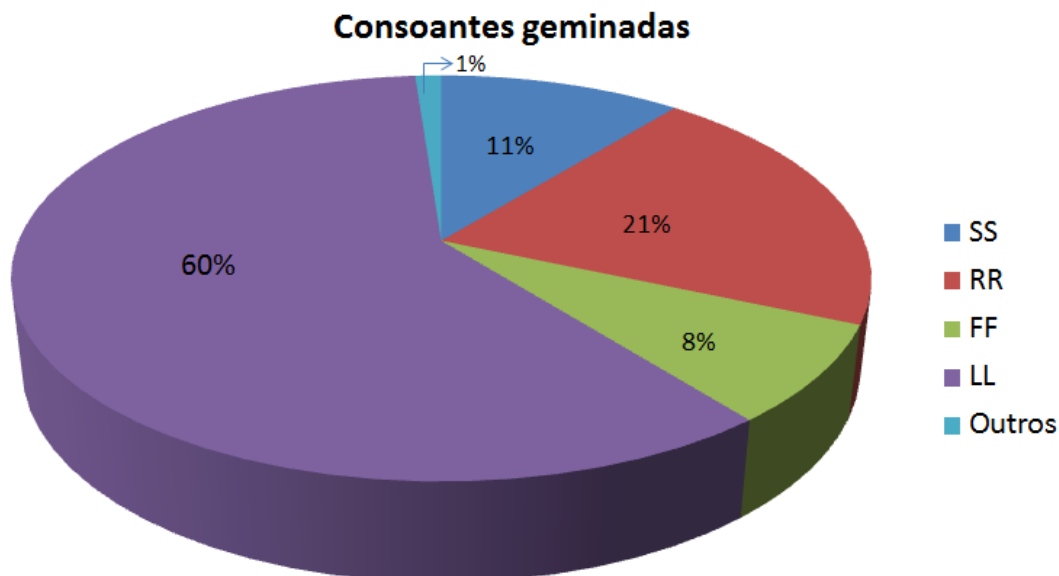
No caso do *m* geminado, era ocasionado pelo aparecimento de uma vogal nasal antecedendo o *mm*. Em relação ao *n* geminado quando aparece geminado, equivale ao *nh* espanhol, e no português aparece como forma de imitação. Haug (1989) apresenta esse fenômeno como uma “vulgarização” da grafia, tendo em vista a origem provençal no *nh*.

Quadro 11 - Apresentação das ocorrências de geminadas menos frequentes

Data	Texto	Medial
Séc. XIV - 1316	S.T. 1316	Appendix/ abbatisse/ abbatisse/ approbans/ cannaaes/
Séc. XV - 1449 e 1450	Crônica da Tomada de Ceuta, de Gomez E. de Zurara	Jmmijgos/ summa / anno
Séc. XV - 1496	Carta a Dom Manuel	anno

Ilustrando a ocorrência das consoantes geminadas na língua portuguesa arcaica, temos gráfico 1:

Gráfico 1 – Ocorrência das consoantes geminadas



Concluída a análise acerca das consoantes, prosseguimos a pesquisa com alguns apontamentos a respeito das vogais.

4.1.2. Vogais geminadas em posição inicial, medial e final

4.1.2.1. A geminado

Contatamos que as ocorrências com **a** duplicado foram trinta dispostas em nove textos, dos séculos XIV e XV. Notamos que são ocorrências de um período de cento e dez anos, pois o primeiro texto é datado em 1340 e o último 1450. Quanto à frequência das ocorrências, temos o **a** dobrado mais recorrente em posição medial (15 ocorrências), enquanto observamos oito ocorrências em posição inicial e sete em posição final.

Tabela 5 - Quantidade de ocorrências do **a** geminado

AA inicial	AA medial	AA final
8	15	7

Na geminação de vogais, um fenômeno comumente observado nesta análise são as geminadas que acabaram por se desfazer por crase, quando

duplicadas e que formavam hiato, por exemplo, *maas* encontrado no texto “O Rato, a Rã e o Minhoto” de um Fabulário Esópico anônimo do século XIV.

Este caso ocorre em outras palavras. Sabendo-se que, a crase se dá por meio da fusão de dois sons vocálicos contíguos, pode ser observada em: *aaaz*, *aar*, *Degretaaees*, *cannaaes*, *aa*, *aaquella*, *taaes*, *quaaes*, *ssaee*, *maas*, *maa*, *naturaees*, *ataa* e *aas*. Não existe de fato a queda de um fonema, mas sim a junção de dois, formando um único som.

Em muitos desses casos, a consoante nasalizadora (n intervocálico) havia caído, por exemplo, *maãos* (de manum), localizado no texto Leal conselheiro, de D. Duarte do Século XV. As vogais geminadas também podem indicar o acento de intensidade, em que uma das duas vogais era de regra acentuada, por exemplo, *caães*, presente no texto “Besta Ladrador na Demanda do Santo Graal” de José de Arimatéia, do século XV. São utilizadas também em lugar de uma vogal simples, para indicar nasalização ou talvez o alongamento da vogal nasalizada.

Foram também usadas em lugar de vogais tônicas simples, após a queda de consoantes intervocálicas, por exemplo, *quaaes* (de quales) que pode ser verificado no Texto III – 1433 do século XV. Como pode ser observado nas ocorrências presentes no quadro 12 referente às geminadas AA.

Quadro 12 - Apresentação das ocorrências de **a** geminado

Data	Texto	AA Inicial	AA Medial	AA Final
Séc. XIV - 1340	Batalha do Salado de Autor Anônimo	aaz/	castellãaos/ castellãaos/ castellãaos/ castellãaos	
Séc. XIV - 1357	Alvará de D. Pedro I, sobre Livros de Estudo	aas/	taaes/ Degretaaees	
Séc. XIV	O Rato, a Rã e o Minhoto - Fabulário Esópico anônimo	aar/	maas/	rrãa/rrãa/ maa/rãa/ rrãa
Séc. XV	Besta Ladrador na Demanda do Santo Graal - José de Arimatéia	aa/aaquella/	caães/ ssaee/	ataa
Séc. XV	Texto III - 1433	aa/	cannaaes/ quaaes/ quaaes/	
Séc. XV - 1435 a 1438	Leal Conselheiro, de D. Duarte		naturaees/ mãos	
Séc. XV	Crônica de D. João I, de Fernão Lopes		irmaão	
Séc. XV	Texto IV - 1442			cristãa
Séc. XV - 1449 e 1450	Tomada de Ceuta, de Gomez E. de Zurara	rromaão/ rromaã		

Quanto à classificação das palavras em que ocorrem as geminadas AA, temos:

Quadro 13 - Classes de palavras em que o **a** geminado em posição inicial, medial e final foi identificado

Classificação das palavras - AA inicial, medial e final					
Substantivos	Preposições	Pronomes	Verbo	Adjetivos	Advérbio
aaz/ caães/ aar/ Degretaaees/ rrãa/rrãa/ /rãa/ rrãa / maãos/ irmão/ cannaees 11	aa/ aa/ 2	aaquella/ taaes / quaaes/ quaaes/ 4	ssaae 1	castellãaos/ castellãaos/ castellãaos/ castellãaos maas/ maa/ naturaees/ rromaão/ romaã 9	ataa
					Artigo
					aas

Notamos que a classe de palavra mais recorrente são os substantivos (11 ocorrências), em segundo lugar constatamos nove ocorrências de adjetivos, e as demais foram menos frequentes: pronomes (4 ocorrências); preposições (2 ocorrências); verbo (1 ocorrência); advérbio (1 ocorrência); artigo (1 ocorrência);

4.1.2.2. E geminado

Constatamos que as ocorrências com E duplicado foram quarenta e um divididas em dez textos, dos séculos XIV e XV, notamos que são ocorrências de um período de cento e dois anos, pois o primeiro texto é datado em 1340 (Batalha do Salado de Autor Anônimo) e o último em 1442 (texto IV). Quanto a frequências das ocorrências, temos a E dobrado mais recorrente em posição medial (37 ocorrências), enquanto observamos quatro ocorrências em posição final, e a geminada EE não foi visualizada em posição inicial.

Tabela 6 - Quantidade de ocorrências do **e** geminado

EE medial	EE final
37	4

De modo semelhante ao caso da geminada **aa**, temos a ocorrência da crase com E dobrado. por exemplo, *pees* encontrado no texto “Tomada de Ceuta” de Gomez E. de Zurara do século XV. Neste sentido, as geminadas se desfazem por crase, quando duplicadas e que formavam hiato. A fusão de dois sons vocálicos contíguos pode ser notada em: *sseeta, ,meestral, seestra, meestre, pees, çeeo, çeeos, ceeos, pee*, não detectamos a queda de um fonema, mas sim a junção de dois, formando um único som.

Em muitos desses casos, a consoante nasalizadora (n intervocálico) não aparecia, portanto as vogais foram geminadas, sendo uma delas utilizada com a finalidade de nasalizar, diferentemente das demais vogais que apareciam acentuadas. O **e** aparece duplicado, nasalizando, por exemplo, *veeo, ueer, leer, leerem, vieerem, leer, leer, leer, perteece, seer, manteem, ueeremos, seentoua, seera, dee, portugueeses, demfiees, sensiuées, homees, Degretaaees, mercee*, utilizadas também em lugar de uma vogal simples, para indicar nasalização ou talvez o alongamento da vogal nasalizada. O exemplo *veemcedor*, é um caso a parte, pois nele, além de poder ser observada a geminada **e** com finalidade de nasalizar, o mesmo possui a consoante M com a mesma função.

Sobre a acentuação de uma das vogais para a nasalização, temos, por exemplo, *homEes* presente no texto “O rato, a rã e o minhoto” de um fabulário esópico anônimo do século XIV e *perteEçem, perteEcer, ueerE* verificados no texto II – 1360 do século XIV. Deste modo, inferimos que a ocorrência do E geminado em que um deles aparece acentuado é marca da escrita arcaica do século XIV, pois não verificamos o mesmo tipo de ocorrência nos demais textos. Observe as ocorrências no quadro 14 abaixo: (o E maiúsculo representa a letra E com acento ~)

. **Quadro 14** – Apresentação das ocorrências de **e** geminado

Data	Texto	EE Medial	EE Final
Séc. XIV - 1340	Batalha do Salado de Autor Anônimo	portugueeses/ portugueeses/ portugueeses	
Séc. XV	Besta ladrador	veeo/ sseeta/ beesta/ ueer	
Séc. XIV	O rato, a rã e o minhoto	homEes	pee/
Séc. XIV - 1357	Alvará de D. Pedro I	leer/ leerem/ vieerem/ leer/ leer/ leer/ Degretaaees	dee

Séc. XV - 1435 a 1438	Leal conselheiro	perteece	
Séc. XV	Crônica de D. João I	meestre seer/ veemcedor/ seer/	mercee
Séc. XV - 1449 e 1450	Tomada de Ceuta, de Gomez E. de Zurara	demfiees/ pees	
Séc. XIV - 1316	Texto II - 1316	perteeEgem/ perteeEcer/ ueerE/	mee
Séc. XV - 1433	Texto III - 1433	Meestral/ ceeos/ manteem/ sensiuées/ perteece/ueeremos/ seer	
Séc. XV - 1442	Texto IV - 1442	seentoua/ seestra/ seera/ çeeo/ çeeos	

Quanto à classificação das palavras em que ocorrem as geminadas **ee**, temos:

Quadro 15 - Classes de palavras em que o e geminado em posição medial e final foi identificado

Substantivos	Pronomes	Verbo	Adjetivos
sseeta/ beesta/ homees/ Degretaaees/ meestre/ pees / çeeo/ çeeos / ceeos, homEes pee/ mercee	mee	veeo/ ueer / leer/ leerem/ vieerem/ leer/ leer/ leer/ perteece/ seer/ seer/ manteem/ perteece/ ueeremos/ ser/ seentoua seera/ dee	portugueeses/ portugueeses/ portugueeses/ veemcedor/ demfiees/ perteeEgem/ perteeEcer/ ueerE/ Meestral/ sensiuees/ sestra

Notamos que as quarenta e uma ocorrências de E geminado, ocorreram em quatro classes de palavra, a mais recorrente foi o verbo com 18 ocorrências, em sequência temos os substantivos com doze ocorrências, os adjetivos com onze ocorrências e a menos frequente foi a classe dos pronomes na qual constatamos apenas uma ocorrência.

4.1.2.3. I geminado

O caso da geminada *i* é o menos frequente, constatamos dois casos como pode ser percebido no quadro 16 abaixo. Notamos também que as ocorrências se deram no século XV. Sabendo que a palavra *consiirar* vem do latim *considerare*, que posteriormente foi substituído por uma forma mais erudita *considerar*,

notamos que ocorreu a subtração de alguns fonemas se levarmos em conta sua origem latina, ou seja, ocorreu a síncope dos fonemas /d/ e /E/ e a apócope do /e/.

No caso da palavra *viimdo*, ocorreu um processo semelhante. esta palavra é originada do latim *venire*, sendo no latim arcaico expresso por *Vlir*. Há duas possibilidades de explicação para a formação dessa palavra: a primeira é a queda de alguns fonemas da palavra latina *venire*, neste caso, ocorreram algumas síncopes, sendo subtraídos os fonemas /e/ e /n/, substituído por *m* com a mesma finalidade de nasalização e a apócope de /r/ e /e/. Neste processo ocorreu o acréscimo de fonemas /d/ e /o/ por meio da epêntese e epítese, respectivamente.

O *i* foi dobrado, talvez para alongar o som da vogal. Neste caso, teremos uma crase, pois os dois sons vocálicos são contínuos, ocorrendo a fusão destes no caso de *consiirar*, em *viimdo*, o segundo *i* reforça a nasalização ocasionada pelo *m*.

Quadro 16 - Apresentação das ocorrências de *i* geminado

Data	Texto	II Medial
Séc. XV - 1435 a 1438	Leal conselheiro, de D. Duarte	consiirar
Séc. XV	Crônica de D. João I, de Fernão Lopes	viimdo

Quanto à classificação das palavras, as duas ocorrências identificadas são verbos, *consiirar* > considerar e *viimdo* > vindo. Observar quadro 17.

Quadro 17 - Classes de palavras em que o *i* geminado em posição medial foi identificado

Classificação das palavras com II medial
Verbo
consiirar viimdo

4.1.2.4. O geminado

Nas geminadas **oo**, verificamos em alguns momentos dois sons vocálicos contínuos. Neste caso, por exemplo, *prool* e *oolhar*, em que nos dois casos existe um alongamento da pronúncia o fonema /O/, não podemos afirmar que ocorreu de fato uma queda ou uma junção, acreditamos na fusão dos dois sons semelhantes formando um único som vocálico, sendo assim uma crase, uma espécie de subtração especial.

Em alguns fatos, a consoante nasalizadora (n intervocálico) havia caído, por exemplo, *boões* > *bons* (de bonos), localizado em três dos textos em que constatamos palavras com **o** dobrado, o mesmo ocorre em *Dões* > *doações* (de Donare). Em um caso, notamos a mesma palavra *boos* do texto “Leal Conselheiro”, de D. Duarte do século XV, sem nenhuma acentuação, portanto existem algumas possibilidades, que naquele período do século XV, o não uso da acentuação estivesse sendo utilizado com menor frequência, levando em consideração que a maior recorrência se deu em um texto do século XIII. Outra possibilidade seria as características do autor, o português deste período continha muitas marcas de quem escreve, no caso deste, verificamos um caso de **oo** inicial (*oolhar*) e o mesmo se encontra também sem acentuação.

Na palavra *amtepoõe* do latim *anteponere* encontrada no texto “Crônica da Tomada de Ceuta” de Gomez E. de Zurara, identificamos algumas ocorrências de metaplasmos. Primeiramente, constatamos a síncope do fonema nasal dental/alveolar /n/ e a apócope da vogal oral semiaberta /ɛ/. A troca do **n** por **m** é justificada pela forma arcaica *amtepõer*, sendo este um modo de grafar mais antigo do verbo *antepor*.

Observe o quadro 18 referente às ocorrências da geminada **oo** em posição inicial, medial e final, em que constatamos nove palavras dispostas em sete textos: “Meestre Nicolas, a meu Cuidar” de Afonso de Eanes de Coton do século XIII, “Batalha do Salado” de autor anônimo do século XIV. Do século XV identificamos em cinco textos: “Alvará de D. Pedro I”, “Leal Conselheiro”, “Crônica da Tomada de Ceuta”, Texto III – 1433 e Texto IV – 1442, ou seja, o **o** dobrado é mais recorrente nos textos analisados do século XV.

Quadro 18 - Apresentação das ocorrências de **o** geminado

Data	Texto	OO Inicial	OO medial	OO final
XIII	Meestre Nicolas, a meu Cuidar, de Afonso Eanes de Coton			bõo/ bõo
XIV	Batalha do Salado de Autor Anônimo		Bõos	
XV	Alvará de D. Pedro I		Prool	
XV	Leal conselheiro	Oolhar	Boos	
XV	Tomada de Ceuta, de Gomez E. de Zurara		Amtepoõe	
XV	Texto III – 1433		Soomente	
XV	Texto IV – 1442		Dõoes	

Notamos que nas nove constatações de **o** geminado, foram identificadas quatro classes de palavra, sendo mais recorrente o adjetivo com cinco ocorrências, em sequência temos uma ocorrência de cada classe identificada (substantivos, advérbio e verbo). Conforme pode ser observado no quadro 19 abaixo:

Quadro 19 - Classes de palavras em que o **o** geminado em posição inicial, medial e final foi identificado

Substantivos	Advérbio	Verbo	Adjetivos
Dõoes	Soomente	Oolhar/ Amtepoõe	Bõo/ bõo/ bõos/ prool/ boos/

4.1.2.5. **U geminado**

Constatamos dezessete casos de **u** geminado, divididos em quatro textos. As ocorrências são em sua maioria do século XV, contendo apenas três em um

único texto do século XIV. Do século XV, verificamos quatorze palavras dispostas em três textos dentre os analisados.

Tabela 7 - Quantidade de ocorrências do **u** geminado

UU Medial	UU Final
5	12

Notamos que a maioria das palavras identificadas são iguais ou variações de uma mesma. Percebemos a recorrência do artigo *hũu* verificado oito vezes e *hũua* duas vezes, contabilizando dez de um total de dezessete. Os demais casos possuem a mesma estruturação, formados por uma geminada UU, em que uma delas aparece acentuada, com a finalidade de nasalizar as vogais, sendo estas: *hũu*, *huũa*, *nenhuũ*, *alguũ*, *alguũs*, *nenhuũa*, neste caso mantinha-se a nasalidade, resultante da influência do m ou n originário, sobre as vogais adjacentes, nasalidade que depois desapareceu ou fez desenvolver outros sons.

Verificamos apenas um caso de crase, sendo este, *Gonsaluus*, em que as vogais geminadas representam um som contínuo /u/. Como pode ser observado no quadro 20 abaixo:

Quadro 20 - Apresentação das ocorrências de **u** geminado

Data	Texto	UU Medial	UU Final
XIV	O rato, a rã e o minhoto		hũu/ huũa/ hũu
XV	Alvará de D. Pedro I	Alguũs/ alguũs/ nenhuũa/ Gonsaluus	huũ/nenhuũ/ nenhuũ/ huũ /huũ
XV	Crônica de D. João I, de Fernão Lopes	hũua	hũu/
XV	Tomada de Ceuta, de Gomez E. de Zurara		huũ/ alguũ/ huũ

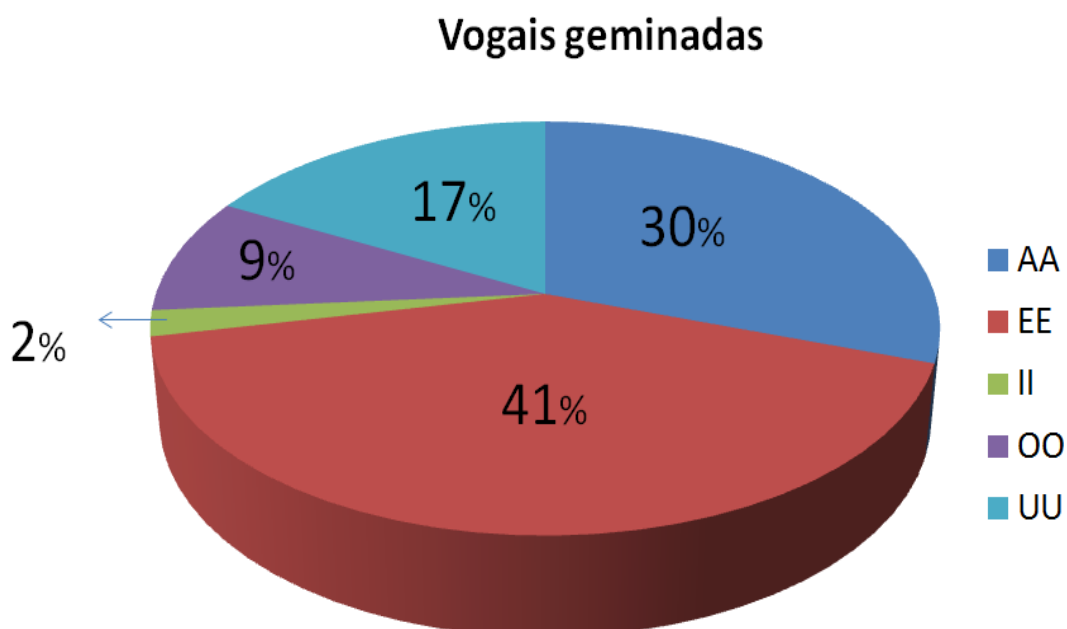
Quanto à classificação das palavras temos as seguintes constatações: dez artigos; seis pronomes; e um substantivo; Desta forma, verificamos que a classe mais recorrente é o artigo, mais especificamente os indefinidos.

Quadro 21 - Classes de palavras em que o **u** geminado em posição medial e final foi identificado

Substantivos	artigos	pronomes
Gonsaluus	hũu/ huũa/ hũu / huũ/ huũ /huũ hũu/ hũua/ huũ / huũ	nenhuũ/ nenhuũ/alguũ/ Alguũs/ alguũs/ nenhuũa/ / huũ

Após a análise da geminação das cinco consoantes, obtivemos o seguinte gráfico:

Gráfico 2 – Ocorrência das vogais geminadas



4.1.3. Falsa geminação e geminação fonética

Identificamos alguns casos de geminações diferenciadas, são estes **uu** e **ij**. Esse tipo de duplicação não é verificado com frequência, no entanto, constatamos oito ocorrências de **u** geminado e oito de **ij**.

Tabela 8 – Tabela das ocorrências de falsas geminações

UU	IJ
8	8

Tratamos o primeiro caso como uma geminação ortográfica, pois temos a letra **u** escrita duas vezes, uma ao lado da outra. No entanto, é uma falsa geminação, pois cada **o** possui uma representação fonética particular. O primeiro **u** representa a vogal **u** e o segundo representa a consoante **v**, como podemos perceber, por exemplo, *ouuerã* > houveram. Veja o quadro 22:

Quadro 22- Apresentação das ocorrências de **uu** e **ij**

Falsa geminação	Geminação fonética
Ouuerã / ouurõ / aprouue/ prouuer/ ouuymos/ouuidor/ ouuesse/ aprouuer	Vijnhã / assijnadas/ consijraçom/ lij/ jmmijgo/ jmmijgo/ Algarbij/ Januarij

No segundo caso, o uso de **ij** como um tipo de geminação se dá pelo uso indistinto **i** e **j**, em que o **j** representa a vogal **i**. Estes casos particulares de geminação não foram identificados com muita frequência, e não podemos demarcar como característica de uma determinada época, pois foram recorrentes nos textos analisados.

4.2. Oscilação de grafias

Pela falta de uniformidade no português arcaico, identificamos algumas variações na grafia de uma mesma palavra, conforme podem ser observadas no quadro 23.

Quadro 23 - Apresentação das ocorrências de oscilações de grafias

Texto	Oscilações			
Batalha do Salado	– cavaleiro – caualeiro			
Besta ladrador	caães – cães	caualleiro – caualeyro		
Alvará de D. Pedro I	homrra – honrra			
Leal Conselheiro	enssinar – enssynar	fallicimento – fallicymentos		
Liuro da corte imperial	rreinos – rreynos	honrra- homrra	ssenhör – ssnhor	
Texto 1502	nossas- nosas	boôa- boôas	naaos- naais- naãos	amizade- amyzade

As palavras identificadas foram encontradas com grafias diferenciadas em um mesmo texto, ou seja, um mesmo autor escreveu a mesma palavra com mais de uma forma. Em quase todos os casos, a oscilação é justificada pela representação sonora das letras que aparecem oscilando, por exemplo, *cavaleiro* = *caualeiro*, que também aparecem com uma grafia diferente em outro texto, por exemplo, *caualleiro* = *caualeyro*. Sobre esses quatro casos, podemos inferir que, primeiramente, a vogal **u** também era utilizada para representar a consoante **v**. O uso do **l** geminado se dá pela pronúncia velar independente de utilizado dobrado ou não. No caso da oscilação do **i** e **y**, esse uso é justificado por conta do uso indistinto entre **i** e **y**, ou seja, o **y** também representa a vogal **i**.

No caso de *caães* = *cães*, podemos inferir que existe uma diferença, apesar de representarem o mesmo vocábulo. Quanto a pronúncia das palavras, pode-se dizer que a primeira trata de um som mais longo e a segunda um som mais breve, justificada pela acentuação da vogal **a**.

Em relação à *honrra* = *homrra* temos uma oscilação muito frequente, m e n são consoantes com a mesma finalidade nasalizadora, nestes casos, m e n aparecem com este fim, nasalizar a vogal *o*. Sobre *enssinar* = *enssynar*, *fallicimentos* = *fallicymento*, *rreyno* = *rreino*, *amizade* = *amyzade*, ocorre uma oscilação bem frequente, pois o uso do *i* e do *y* era indistinto, uma vez que as duas letras representavam a vogal *i*.

Quanto à datação dos textos, não identificamos a oscilação de grafias como sendo frequente em uma época específica do período arcaico. Posto que, verificamos textos de meados do século XIV até o começo do século XVI.

Notamos também, que em textos diferentes é possível notar a oscilação de mesmas palavras, a exemplo da palavra cavaleiro, que aparece grafada de modos diferenciados em alguns textos. O mesmo ocorre com os verbos honrar e ensinar, também muito frequente nos textos analisados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da língua portuguesa é magnífica se observarmos toda a trajetória da língua, todas as influências sociais, culturais e políticas as quais o português se submeteu no decorrer dos séculos. Em relação à ortografia, no período arcaico, há muita irregularidade, dentre elas as letras geminadas e a oscilação e letras. Entre as letras geminadas, tanto consoantes como vogais, a mais frequente é o *l*, que aparece, sobretudo, em posição medial. Seu uso era justificado pela necessidade de demarcar um som velar, o que pode ser notado ainda no alfabeto e na pronúncia castelhana.

No caso das vogais geminadas, não percebemos uma grande recorrência e nem o destaque de uma sobre a outra. No entanto, notamos que, em sua maioria, a vogal geminada apareceu acentuada por til (~) demarcando a sua nasalização. Portanto, concluímos que as vogais geminadas tinham por finalidade expressar a tonicidade das palavras, e que pelo fenômeno da crase muitas delas se uniram formando um único fonema.

Notamos dois casos particulares de letras geminadas, constituindo “falsa” geminação: *u* aparece geminado, no entanto cada letra representa um fonema e uma letra diferente. A letra *u* representava uma vogal *u* e uma consoante *v*, por exemplo, “oueram”. Caso semelhante, tivemos a “geminação fonética”, em que letras diferentes *i* e *j* representavam um mesmo som e que as mesmas apareciam juntas na grafia das palavras, por exemplo, “tijnha”, constatamos em nossos estudos que *i* e *j* possuíam a mesma sonoridade, e em alguns casos apareciam geminadas, sendo assim, as nomeamos de “geminadas fonéticas”.

No tocante à oscilação de grafias, percebemos que se dá em maior recorrência nas mesmas palavras, por exemplo, as palavras derivadas do verbo “ensinar” e “honrar”, que apareceram escritas tanto nos mesmos textos, como em textos diferenciados escritas de modo distintos. Desta forma, comprovamos a associação do português arcaico à fonética, bem como a falta de uniformidade na língua.

Os resultados encontrados nesta pesquisa demonstram que a língua portuguesa arcaica era muito diversificada, mostrando que uma mesma palavra poderia ser escrita de vários modos, que um único símbolo representava mais um

fonema e que um mesmo som era representado por vários símbolos. Este fato, hoje, nos soa estranho, pois fomos convencionados a escrever de um mesmo modo e seguir regras. De um modo geral, a ortografia arcaica, talvez ocasionasse uma confusão na época, mas o que se sabe é que de tal modo a comunicação por meio da escrita existia de modo igual. De certo modo, todos conheciam as variações, mas cada um escolhia seu modo de escrever.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

CASTILHO, Ataliba. *Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?. Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz*, (s.d). Disponível em: http://www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php?id_coluna=9

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2005.

FARACO, Carlos Emílio. MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1995.

HAUY, Amini Boainain. *História da Língua Portuguesa: I. Séculos XII, XIII e XVI. Série princípios*. São Paulo, 1989.

ILARI, Rodolfo. BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1994.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Traduzido por Antônio Houaiss. 7.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

7. ANEXOS

DATAÇÃO	TÍTULO/ TEMA	AUTOR	REFERÊNCIA
Meados ou da segunda metade do séc. XIII	Cantiga d'Amor - XXVII	Afonso X, o Sábio, rei de Leão e Castela	Spina, p.113-114
Meados do séc. XIII	Meestre Nicolas, a meu Cuidar.	Afonso Eanes de Coton	Spina, p.119-120
(não existe a datação correta, mas é crônica relato de uma ocorrência do dia 30/10/1340.	A Batalha do Salado	Anônimo	Spina, p.124-125
<i>A Demanda do Santo Graal, pertencente ao ciclo da Post-Vulgata, que remonta aos anos 1240, embora a cópia remanescente seja um manuscrito do séc. XV, conservado na Biblioteca de Viena</i>	Besta Ladrador na Demanda do Santo Graal	<i>José de Arimatéia ou Merlim</i>	Spina, p.128-129
Séc. XIV	O Rato, a Rã e o Minhoto	Fabulário Esópico anônimo	Spina, p.132-133
Séc. XIV - 1357	Alvará de D. Pedro I	<i>Inês de Castro ???</i>	Spina, p.135-136
Séc. XV – 1435 e 1438	Leal Conselheiro	D. Duarte	Spina, p.242-243
Originais se perderam Séc. XV	Crônica de D. João I	Fernão Lopes	Spina, p. 246-247
Séc. XV – 1449 e 1450	Crônica da Tomada de Ceuta	Gomez E. de Zurara	Spina, p. 251 – 252
Séc. XVI – 1530 e 1536	Menina e Moça	Bernardim Ribeiro	Spina, p.255-256
Séc. XIV - 1316			Tarallo, p. 186- 187
Séc. XV - 1433			Tarallo, p. 187-188
Séc. XV - 1442	Fragmento de um livro chamado “corte emperiall”		Tarallo, p.188
Séc. XV - 1489	Carta a Dom Joham		Tarallo, p. 188-189
Séc. XV - 1496	Carta a Dom Manuel		Tarallo, p. 189 - 190
Séc. XVI - 1502	Carta de D. Manuel para os reis de Cochim e de Cananor	D. Manuel	Tarallo, p. 190-191
Séc. XVI - 1510	Albuquerque informa El-rai sobre o início dos casamentos entre portugueses e indígenas	Albuquerque	Tarallo, p. 191-192
Séc. XVI - 1527	Tragicomédia pastoril		Tarallo, p. 192-193
Séc. XVI - 1537			Tarallo, p. 193-194
Séc. XVI - 1597	Diário de navegação da nau “S. Martinho” em viagem para a Índia no ano de 1597		Tarallo, p. 194